

voados, cabeceiras, varadouros, navegabilidade, seringais e interessante texto sobre as fronteiras entre Perú e Brasil.

Finalizando, encontramos na terceira parte vinte e seis cartas escritas pelo Autor em 1904 e 1905 da Amazônia.

Possa a presente coleção divulgar os textos que escaparam da coleção Brasileira, reeditar alguns desta, como é o caso do DB3. Leitura necessária para o conhecimento de nossa realidade histórica passada, alicerce do presente e passo dado para o futuro.

JANUÁRIO FRANCISCO MEGALE.



GOODLAND (Robert J. A.) e IRWIN (Howard S.). — *A selva amazônica: do inferno verde ao deserto vermelho?* Tradução de Regina Junqueira, revisão técnica, prefácio e notas de Mário Guimarães Ferri. São Paulo, Editora Itatiaia. Editora da Universidade de São Paulo 1975.

“Já não há dúvida, atualmente, de que as clareiras abertas na floresta as colheitas só dão bons resultados nos dois ou três primeiros anos quando então o declínio da produção e a entrada de pragas e plantas invasoras fazem com que se torne mais prático desmatar outro pedaço da floresta ... Trata-se de uma estratégia que só se torna ecologicamente válida nos lugares onde é baixa a densidade demográfica, sendo totalmente contra indicada para sustentar o vasto número de colonos oficialmente designados para a ocupação da Amazônia. Tanto a destruição das matas quanto as atividades agropecuárias estimuladas pela abertura das novas estradas pressagiam as mais desastrosas consequências ambientais” (p. 61).

A finalidade do presente estudo, é mostrar quão pouco conhecida é essa área imensa mas vulnerável, bem como relatar o que está sendo feito, prever que resultados isso poderá trazer para o ambiente e sugerir medidas capazes de impedir, ou pelo menos atenuar, desagradáveis e extensas consequências que inevitavelmente o futuro irá trazer (p. 17).

Assim, os Autores tomam como ponto de apoio para esta pesquisa sobretudo “as cinco grandes rodovias, das quais duas são transversais, isto é, seguem o rumo leste-oeste e as outras três longitudinais, ou sejam avançam aproximadamente na direção norte-sul. As duas transversais são a Transamazônica (Br. 230), que vai do Atlântico ao Perú, e a Perimetral Norte (Br. 210), que segue paralela, ao limite setentrional do Brasil e se estende do Atlântico a Colômbia. As longitudinais são —: Venezuela — Acre (Br. 307) ao longo da fronteira ocidental do Brasil; Rondônia — Manaus — Roraima (Br. 174 e 319), praticamente ligando a Bolívia com a Guiana; e a Cuiabá — Santarém — Suriname (Br. 163)” (p. 20).

Referem-se a Transamazônica de modo especial mostrando suas características e finalidade básica que é estabelecer conexão com o sistema rodoviário nordestino.

Após abordarem no 1º capítulo, o “Desenvolvimento da Amazônia” (p. 31 a 43) deixam clara a idéia de que a região em questão, esteve à margem de quase todo o processo histórico que se desenvolveu no Brasil. Fornecem também uma lista de datas relativas à Amazônia, desde os precursores de Orelana, o descobridor do “Super-Rio” até aos dias atuais com a abertura de estradas. A seguir, nos capítulos subsequentes, consideram como se processa a auto-manutenção do ecossistema das florestas tropicais úmidas, os distúrbios ecológicos que poderão surgir provocados por uma ocupação desordenada e sem planejamento; enfim, procuram dar uma síntese dos recursos florísticos, faunísticos e minerais da Natureza Amazônica, explicitando sempre a idéia de que é preciso conhecer o meio amazônica para então racionalmente colonizar a Região que é um complexo ecológico e geográfico diferente; e dessa forma não cair em erros que só dilapidam a floresta e o solo.

O último capítulo, “Indústria” examina a exploração dos minerais que está sendo feita como —: ferro, alumínio, manganês e cassiterita. Ainda abordam ligeiramente a hidreletricidade e o complexo Industrial do Rio Jarí.

A obra é enriquecida por inúmeras tabelas, ampla bibliografia, vários mapas e figuras.

Alem disso, na conclusão os Autores comentam uma bibliografia sobre Ecologia Amazônica. Trazem uma contribuição aos estudos sobre o maior espaço tropical da Terra, valendo lembrar o que escreve o Prof. Mário Guimarães Ferri, no Prefácio da obra. “O presente livro representa um passo para o conhecimento da Natureza Amazônica... Nem deve ser aceito em sua totalidade, nem deve ser rejeitado liminarmente, por conter, eventualmente, certas informações menos fundamentadas” (p. 15).

*ELOINA MONTEIRO.*